



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 9 de abril de 2012

DIÁRIO DO AMAZONAS

CBA: um jacaré na sala	1
CIDADES	

CBA: um jacaré na sala



Valmir Lima

Jornalista

valmirlima1969@uol.com.br

O Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA) é uma daquelas instituições que poderia ser comparada a um jacaré-açu na sala de estar. O dono da casa fica obrigado a dar água e comida para mantê-lo vivo, mas não sabe o que será do animal no futuro. Foi essa a minha impressão há cinco anos, quando o visitei pela primeira vez, e, na semana passada, quando voltei para a segunda visita com um grupo de amigos do Movimento

Educar para a Cidadania.

O CBA, pasmem, não tem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e, portanto, não existe juridicamente. É um apêndice da Suframa, com status de uma coordenadoria da autarquia. Não pode contratar pessoas, não tem autonomia para comprar material e equipamentos para pesquisa e sobrevive de migalhas que chegam pela Suframa e umas poucas instituições parceiras. Quase nada recebe da iniciativa privada, apesar de ter sido criado para "atuar fortemente na geração de conhecimento e transferência de tecnologia de ponta, mediante diversas modalidades de parcerias com instituição de pesquisa e o setor privado".

Desde que foi projetado, em 1998, até 2010, o CBA consumiu (na construção do prédio, equipamentos, materiais e pagamento de pessoal) R\$ 91,5 milhões. Desse total, R\$ 68,9 milhões saíram do orçamento da

O dono da casa fica obrigado a dar água e comida para mantê-lo vivo, mas não sabe o que será do animal no futuro.

Suframa, R\$ 12,9 milhões do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (via Finep), R\$ 4,1 milhões do Ministério do Meio Ambiente e R\$ 794 mil da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). A iniciativa privada contribuiu ou investiu R\$ 4,7 milhões, o que representa 5,22% do total de recursos.

Atualmente, o centro depende, para funcionar, de instituições privadas e públicas, responsável pelo pagamento de pesquisadores, através de bolsas. Entre elas estão a Fapeam, a Fundação Unisol (da Ufam), a Fundação Djalma Batista (do Inpa), a

A iniciativa privada contribuiu ou investiu R\$ 4,7 milhões, o que representa 5,22% do total de recursos.

Finep e o CNPq (do MT&C). O Ministério do Meio Ambiente se retirou do grupo de financiadores, sem explicação. Como o CBA não pode contratar pessoal nem comprar material (porque não pode fazer licitação), há três anos a Suframa firmou convênio com a ONG Movimento de Cidadania Pelas Águas, com sede em Brasília, para tocar o processo. A experiência fracassou, principalmente porque os recursos (o valor inicial do convênio era de R\$ 5 milhões) não chegam à ONG.

Por falta de contrato e de perspectivas dos pesquisadores, mantidos com

bolsas, o CBA já perdeu três vezes mais cientistas do que os que estão atuando, de acordo com o coordenador-geral Imar César de Araújo. "Estamos formando gente para os outros", lamenta Araújo. O centro tem 50 bolsas aprovadas, mas não consegue ocupá-las.

No próximo dia 16, os deputados estaduais têm uma visita agendada ao CBA. Está na hora de a Assembleia Legislativa e as autoridades locais de um modo geral acordarem para o problema e tentar dar uma solução para o jacaré na sala, porque do governo federal pouco se pode esperar. A Suframa, responsável pelo centro, não tem vocação para a biotecnologia. Um projeto dessa monta não pode ficar com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. O mais sensato seria ficar com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.